

O DIREITO DA FALA * (Violência e Política em *Vidas Secas*)

ANTÔNIO JORGE SIQUEIRA **

Em *Vidas Secas*, um dos romances mais lidos do escritor Graciliano Ramos, há um diálogo entre o herói Fabiano e o soldado da força pública, precisamente no capítulo da Cadeia que vale a pena ser transcrito.

"Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano:

- Como é, camarada? Vamos jogar um trinta e oito lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:

- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme" (p. 27).

Mais adiante voltarei a comentar este diálogo.

Gostaria de lembrar, em primeiro lugar, que o cenário do citado romance é a região do semi-árido nordestino, tendo como protagonistas uma família de retirantes, fugitivos da seca, composta pelo casal Fabiano e Sinhá Vitória, pelos dois filhos pequenos, um papagaio e uma cadela chamada Baleia. Lembraria, igualmente, que tanto o primeiro quanto o último capítulos, respectivamente, *Mudança* e *Fuga* fornecem não apenas a cronologia do enredo - início e fim - mas, quiçá, a dimensão e intensidade da tragédia humana que, na perspectiva do autor se repete, se perpetua, ao mesmo tempo que se recicla. Fenômeno a um só tempo cíclico e humano, natural e social, ele plasma o imaginário de dominantes e dominados na cultura regional, moldando uma circularidade simbólica que passa de filho para pai, de pai para avô, tal como percebe o autor, na urdidura de sua ficção: "Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto" (p. 23). Na trama do romance, o final das Vidas Secas é o seu próprio recomeçar: fugir das secas, ao léu, na incerteza da busca, na esperança incerta da Vida. O início do romance, por sua vez, é a continuação de uma caminhada, de uma fuga: "os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos" (p. 9); nada impede que esta retirada seja o elo que liga um final a um começo, na visão dramática e pessimista do Graciliano: "Nascera com este destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia

* Texto apresentado no IX Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, de 10 a 13 de setembro de 1992, em Recife.

** Professor do Departamento de Ciências Sociais do CFCH, dos cursos de doutorado e mestrado em História e Ciência Política da UFPE.

mudar a sorte? (...) Era sina. O pai vivera assim, o avô também" (p. 96). "Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida" (p. 126).

Num segundo momento, cabe considerar que estamos diante do que se poderia caracterizar como autêntica "situação limite" entre Vida e Morte, sejam elas *Severinas* ou *Secas*. O romancista, a par de sua sensibilidade e não por acaso, como também fizera João Cabral de Melo Neto, escolhe um cenário elucidativo de uma dentre inúmeras "situações-limite" de Vida e Morte que marcam a história dos despossuídos nordestinos. Homens tornados nômades, errantes, trilhando o leito dos rios - eles também "secos" - procurando terra para trabalhar. Seja em direção à cidade, num clima de desalento, seja mesmo em busca da Vida que, para estes homens, neste cenário regional, é apenas sobrevivência. "Que iriam fazer?" É a pergunta que o autor faz, para responder, já nas últimas linhas do romance, conforme assinalamos: "*Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos*" (p. 126). Portanto, temos uma família de retirantes, em plena seca do Nordeste sertanejo, cuja caminhada apenas é interrompida por um curto espaço de tempo em que se albergam numa propriedade abandonada, onde viverão o permanente cotidiano de privação e dependência, a despeito da provisoriedade de sua estada na decadente fazenda sertaneja.

Tragédia, situação limite? O que se sabe é que romance expressa uma dramática condição humana, onde a seca não apenas tem a ver com a natureza e seus caprichos mas com o próprio homem: "*tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente, ladrão, espinhoso como um pé de mandacari*" (p. 24). Mas não é só isto. Graciliano mostra o homem embrutecido, onde Fabiano se reconhece um bicho, animalizado. Não é por acaso que dois inocentes animais, o papagaio e a cadela, têm um papel importantíssimo na trama da ficção graciliana, em *Vidas Secas*, como veremos, logo mais. A este respeito, nunca é demais lembrar que o autor, antropomorfizando os brutos, concebe-os afetivos, solidários e, mais importante, capazes de sonhar. É o caso da cachorra Baleia, em seu agônico sonho de morte. "*Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes*". (p. 91)

Volto ao diálogo inicial deste trabalho. É visível o ar de perplexidade e embaraço com que o autor caracteriza o diálogo e, portanto, a relação entre o herói Fabiano e o soldado a quem ele próprio, depreciativamente, chamará de *amarelo*. O fato é importante porque evidencia uma permanente insegurança-fragilidade do herói ante a dificuldade para se fazer entender e comunicar o que sente e o que entende. A incapacidade e impossibilidade desta comunicação, no romance, torna-se tanto mais dramática na medida em que ela (se) exacerba (n)uma "situação limite", em termos da posição social, de carências materiais, dos direitos de cidadania e, mormente, no que tange ao relacionamento humano e afetivo. Este "limite" atinge até, porque não dizê-lo, o que se refere aos sonhos e

desejos dos clientelizados do poder. O autor concebe um personagem Fabiano que, ante a sua incapacidade de falar, de se expressar com clareza, evidencia a postura típica reproduzida ao nível das relações sociais e que são fundantes de um imaginário que inviabiliza a praxis da cidadania. Isto acontece quando nosso herói gagueja e se embaraça como criança, no exato momento em que deveria falar para se defender, afirmando seu espaço de pessoa, fazendo valer os seus direitos. Ou seja, quando simplesmente deveria fazer política: "*Se soubesse falar como sinhá Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embracava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado*" (p. 97). Deste modo, o autor identifica um herói que vive o drama de ver e perceber o mundo, percebendo-se ele próprio no mundo, convivendo com coisas, com outras pessoas e, no entanto, sentindo-se incapaz de contar, narrar esta inserção, esta convivência, sua história: "*Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada*" (p. 34). Graciliano, assim, vai fundo na sua concepção trágica do homem, fugindo ora da seca, ora de si mesmo, talvez enfatizando que o mais degradante esvaziamento, a supina *secura*, será antes este processo de desumanização a que está submetido Fabiano, símbolo da maioria das pessoas deste país, especialmente desta região de tantas "*vidas secas*". Está claro, no texto, que o herói tergiversa entre o sentimento de se perceber como homem e como bicho do mato: "*Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. (...) Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a murmurando:*

- *Você é um bicho, Fabiano*" (p. 18).

Ora, a grandeza do homem é conviver com os outros semelhantes, partilhando experiências, consolidando o seu espaço inalienável, a sua privacidade, na confrontação com os espaços alheios. É o que Aristóteles classifica como atividade política¹.

Hannah Arendt, em sua obra *A condição humana* mostra com muita acuidade que esta atividade é essencialmente interativa e, neste mister, a linguagem e consequentemente a fala são cruciais. Segundo Harendt, os gregos em sua relação imaginária com os deuses, tentavam encontrar uma saída para o drama da sua provisoriedade humana, a morte. Os humanos, então, concebem a sua grandeza nas respectivas potencialidades: produzir obras, feitos e palavras que, na sua maior expressão de grandeza, deveriam pertencer à eternidade. É algo em torno disto que Platão associa com o homem da caverna em *A República*².

Surge a questão: como Graciliano Ramos concebe o herói Fabiano, em sua relação interativa, quer no seio da família, quer na espaço maior da sociedade? É um estado de brutal degradação. Fabiano "*vivia longe dos homens, só se dava bem com animais*" (p. 19). Andando, a pé ou a cavalo: "*os seus pés diros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. (...) a pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio*". Como se percebe, o delineamento estético do herói traçado pelo autor

é uma antítese da hominização. Quanto à linguagem, coerentemente, completa o autor: "às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco" (p. 19-20). Trata-se, como dissemos, de suprema degradação e violência a que é submetido o ser humano. Como é possível ser livre, sendo incapaz de dizer-se livre? Pior ainda quando esta incapacidade do herói em se proclamar livre for forjada num cotidiano de poder, numa longa história de padecimentos, como é o caso de Fabiano, Sinhá Vitória, os filhos, a cachorra e o papagaio.

Se este é o ângulo que representa um olhar do nosso romancista a conceber o homem pobre sertanejo como despossuído dos bens, da fala e até do afeto, dada a impossibilidade de sua convivência e à incomunicabilidade com os semelhantes, perguntamo-nos se este seria o olhar único e definitivo que plasma sua sensibilidade estético-ficcional? Parece que não.

Em primeiro lugar porque, apesar dos traços característicos e marcantes da construção literária de Graciliano Ramos aparecerem como realistas, materialistas e pessimistas, o que nos obrigaria a aceitar semelhante cenário fechado em si mesmo e sem saída para a condição de rebaixamento humano, tal como caracterizou o herói Fabiano o seu senso crítico, insistimos, abre uma porta para subtrair-se a este cenário de suprema degradação e violência.

Em segundo lugar, homem do seu tempo, profundamente conhecedor das condições sociais, culturais econômicas e principalmente políticas de sua região, Graciliano não desconhece a gravidade da situação de miséria em que vive secularmente a maioria da população nordestina e, muito especialmente, aquela das regiões do semi-árido. O cenário das secas, tanto social quanto climático é histórico e real. O drama da sobrevivência dos despossuídos-retirantes é uma afronta à Vida e, como tal, é suficientemente real para que não se possa representar. Fabiano também, como a seca, é tragicamente real. Ora, como poderia um autor com a sensibilidade de Graciliano desconhecer este quadro historicamente construído, com rebatimento no universo cultural? Num período político e culturalmente fértil como o que viveu o autor, antes e durante as mudanças da década de 30, não seria mais possível a ele permanecer imune e inofenso, sem sujar as mãos, sem ferir o imobilismo através da sua crítica.

Em terceiro lugar, historiadores da literatura nacional como Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Silvino Santiago, Franklin de Oliveira e outros, ressaltam uma enorme dificuldade em classificar as influências recebidas por Graciliano, a nível local, pela corrente regionalista do Recife e a nível sulista, pelo movimento modernista. Dificuldades que se apresentam, de igual modo, para caracterizar o contexto ou visão de mundo que teriam plasmado a narrativa de um Machado de Assis e de um Guimarães Rosa. Envolvido no turbilhão do Movimento Modernista, sem ser modernista, também não será regionalista, como o foram Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Jorge de Lima. Entretanto, nada impede que ele seja um profundo pessimista, materialista, realista e, simultaneamente, crítico. Crítica esta que o evento da revolução de 30, no Brasil, galvanizou

contra os vícios políticos econômicos e sociais da cultura e do imaginário oligárquico de nossas elites.

Em quarto lugar, necessário se faz destacar, aqui, neste exato ponto, o sentido agudo da percepção graciliana quanto ao fenômeno político do coronelismo, no interior do Nordeste sertanejo. Afinal, a trama do seu romance é clara, quanto a isto. Fabiano foge da seca, porque não tem onde morar. Na fuga, encontra onde trabalhar, porém fica aí de favor. E este curto intervalo na caminhada retirante, na fazenda, é marcado por um profundo e intenso conflito entre o vaqueiro e o fazendeiro. O que, aliás, é também descrito pelo autor como seca, mesmo que o herói dispusesse de terra para trabalhar, de animais para criar e vender, onde não faltavam o verde da paisagem e a água das cacimbas. Ainda assim, havia seca, pois como já dissemos, para Graciliano a tragédia da seca é o próprio homem com a prepotência do seu mando e o imaginário egocêntrico do seu patrimonialismo.

A linguagem desta classe dominante senhorial, patrimonialista e travestida de coronelismo é mistificadora. Por sua vez, a de Fabiano, dos clientes e apadrinhados é uma linguagem pobre, tosca, tímida... A crítica do autor, quanto à fala, sinaliza uma realidade histórica e, ao mesmo tempo uma compreensão-entendimento desta mesma realidade por parte do herói. Como é que fala o patrão? *"O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. (...) Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dívida?"* (p. 22-23). Mais adiante, no momento em que acerta contas com o patrão, sentindo-se roubado, o sentimento e o desejo de Fabiano, na sua condição de despossuído é, igualmente, o de gritar... desde que pudesse encontrar um outro local para trabalhar: *"Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arrelia. Não havia paciência que suportasse tanta coisa"* (p. 95-96). Claro, quando um homem encontra razões suficientes para gritar com quem o humilha, ele se assume e, na mesma posição do outro, em pé de igualdade, com as mesmas armas do adversário que o afronta, ele o enfrenta. É o homem resgatado em sua dignidade. Fala e grita, se preciso for.

O autor coloca no imaginário de Fabiano estas regalias de que os poderosos dispõem, quando exercitam o poder, o mando e o domínio. Um imaginário ainda muito preso ao real do qual mister se faz libertar-se: *"Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles"* (p. 24-25).

Além dos caprichos, o herói identifica um elemento político essencial na fala dos dominantes, como o seu patrão, por exemplo: *"sempre*

que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiros. Mas eram bonitas" (p.96). O herói não poderia se pretender imune ao charme da linguagem e do discurso dominantes. Como empreender um imaginário da fala, da resistência, do protesto, da construção da cidadania e do exercício da política, isolados da estrutura simbólica dos detentores do poder? Isto nos remete à questão do poder simbólico, tal como o concebe Pierre Bourdieu: "poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (p. 7-8). Referindo-se à questão crucial da linguagem, conclui o autor: "o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras" (p. 14-15).³

Restaria dizer, finalmente, que a violência da privação da palavra, a prática efetiva de poder, tal como na vigência do coronelismo sertanejo, onde o coronel se apresenta como um "atravessador" do exercício da política é e continua sendo o grande entrave à vigência plena da cidadania, na região Nordeste e no país, como um todo. A miséria real e mordacamente simbólica continuam impedindo os homens de falarem, manifestando a sua vontade, o seu desejo, o seu grito. E isto tem um sentido muito íntimo com a construção da democracia que está implícita nos direitos plenos da cidadania. A questão das esferas do político e da democracia têm relação íntima com o direito da fala. Claude Lefort, explicitando a importância para os dias de hoje da relação entre a compreensão da democracia e sua antítese, o totalitarismo, mostra como a democracia implica na afirmação de uma fala. "A compreensão democrática do direito implica a afirmação de uma fala - individual ou coletiva -, que, sem encontrar sua garantia nas leis estabelecidas, ou na promessa de um monarca, faz valer sua autoridade, na expectativa de confirmação pública, em razão de um apelo à consciência pública. (...) Tal fala, por mais intimamente ligada que esteja a uma demanda do Estado, permanece distinta do Estado". Quanto ao discurso do poder, segundo o autor, "... basta a si mesmo, ignora toda fala que esteja fora de sua órbita. Este poder decide, outorga; sempre arbitrário, não se cansa de selecionar entre aqueles para quem concede o benefício de suas leis daqueles que exclui" (p. 55)⁴. Caçar a palavra dos que se sentem aptos a falar é grave. Muito mais grave e violento é não se aperceber da existência de um poder que sequer habilita os homens a falar, reduzindo-os à mudez do exercício da política e, na esteira disto, ao silêncio dos seus sentimentos e afetos.

Ainda bem que nos restam os jardins e as praças para sonhar, falar e, se preciso for, gritar.

NOTAS:

1. "Estas considerações deixam claro que a cidade é uma criação natural e que o homem é por natureza um animal social, e um homem que por natureza, e não por mero acidente, não fizesse parte de cidade alguma, seria desprezível ou estaria acima da humanidade..." *A Política*, Livro I, cap. I, 1235 a
2. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 27-28
3. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
4. LEFORT, Claude. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991